



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 10, v. 1 nov.2018-abr. 2019

p. 118-130.

# Pode a roupa matar?

## Os embates impulsionados pela armadura *queer* e a violência desigual executada sobre seus corpos

Baga de Bagaceira Souza Campos<sup>1</sup>

Renata Pitombo Cidreira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Na busca por questionar a negação às existências nos corpos dxs sujeitxs *queers* e as resistências lançadas pela sua roupa, convocada enquanto armadura, pelo viés político que o reveste, o artigo preocupa-se em refletir os modos com os quais as vestes e suas linguagens afetam o regime sensível de sentidos, a ponto de tornar o corpo dissidente de gênero, de sexualidade e de raça susceptível a copiosas violências. Desse modo, o trabalho demanda uma análise sobre o vestuário no que se refere à violência, explicitando que a expressão de sua roupa, provocada entre o ser violentado pelos adornos que o compõem e a roupa do seu corpo enquanto desobediente às normas, e, portanto, desestruturante para os sujeitos firmados como “normais”, é dada de forma desigual. A análise apresentará *frames* do documentário *Sem Títulos* (RIBEIRO; PORTELA, 2013), enquanto ilustração, convocando, portanto, às desobedientes inscrições no modo de vestir-se e as discrepâncias que tais violências operam. Aqui, são impetradas as questões que envolvem as sensibilidades e os processos de sentir e perceber o corpo adornado a partir de uma matriz fenomenológica sobre a composição da aparência estranhada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo; Vestes; Violência.

**Abstract:** In the search to question the non-existences in the bodies of the subjects *queers* and the resistances thrown by their clothing, summoned as armor, by the political bias that covers them, the article concerned itself with reflecting the ways in which the clothes and their languages affect the sensible regime of to the point of making the dissident body of gender, sexuality and race susceptible to copious violence. In this way, the work demands an analysis of clothing in regard to violence, explaining that the expression of his clothing that is provoked between being raped by the adornments that compose him and the clothing of his body while disobedient to norms, and thus de-structuring for the subjects signed as “normal”, is given in an unequal way. The analysis will present frames of the documentary *Sem Títulos* (RIBEIRO; PORTELA, 2013), as an illustration, thus calling for the disobedient inscriptions on the way of dressing and the discrepancies that such violence operates. Here, questions are raised that involve the sensitivities and processes of feeling and perceiving the body adorned from a phenomenological matrix about the composition of the strange appearance.

**Keywords:** Body; Clothes; Violence.

**Resumen:** En la búsqueda por cuestionar la negación a las existencias en los cuerpos *queers* y las resistencias lanzadas por su ropa, convocada como armadura, por el sesgo político que lo reviste, el artículo se preocupara por reflejar sobre los modos con que las vestiduras y lenguajes afectan al régimen sensible de en el sentido de que el

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela mesma Instituição. Performer e Membro do Coletivo Aquenda de Diversidade Sexual e de Gênero. Integra o grupo de Pesquisa Corpo e Cultura (CNPq), desde 2014 na linha de pesquisa Corpo e Expressão. E-mail: bagadebagaceira1992@gmail.com

<sup>2</sup> Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (FACOM/UFBA), professora adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), líder do grupo de pesquisa Corpo e Cultura (cadastrado no CNPq) e autora de *Os sentidos da moda* (Annablume, 2005) e *A sagração da aparência* (EDUFBA, 2011)

Recebido em 01/09/18

Aceito em 12/11/18



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 10, v. 1 nov.2018-abr. 2019

p. 118-130.

cuerpo disidente de género, de sexualidad y de raza susceptible a seguidas violaciones. De este modo, el trabajo demanda un análisis sobre la vestimenta, en lo que se refiere a la violencia, explicitando que la expresión de su ropa, que es provocada entre el ser violentado por los adornos que lo componen y la ropa de su cuerpo mientras desobediente a las normas, y, por lo tanto, deconstructiva para los sujetos firmados como “normales”, se da de forma desigual. El análisis presentará puntos de la película *Sem Títulos* (RIBEIRO; PORTELA, 2013), como ilustración, convocando, por lo tanto, a las desobedientes inscripciones en el modo de vestirse y las discrepancias que tales violencias operan. Aquí, se imponen las cuestiones que involucran las sensibilidades y los procesos de sentir y percibir el cuerpo adornado a partir de una matriz fenomenológica sobre la composición de la apariencia extraña.

**Palabras clave:** Cuerpo; Ropa; Violencia.



Recebido em 01/09/18  
Aceito em 12/11/18

eles virão para nos matar, porque não sabem que somos imorríveis. Não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras. Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que, uma vez aos pedaços, nós nos espalharemos. Não como povo, mas como peste: no cerne mesmo do mundo, e contra ele.

Jota Mombaça

## 1. Introdução

Bicha, Bichona, Ridículo, Estranho, Esquisito! Não é difícil de imaginar que roupas que destoam do gênero anatômico imposto socialmente a um indivíduo sejam motivos de risos, chacotas ou viradas de pescoço. Ao mesmo tempo, que se tornasse recorrente para este indivíduo dissidente um olhar do outro sobre seu corpo e formas de adereços de modo que o/a violenta. Assim, também podemos perceber que o ato de se vestir pode se constituir como um dispositivo de afronta às normas e condutas adquiridas socialmente e, por isso mesmo, aquele que se veste diferente pode ser alvo de ações violentas.

As desobediências do adorno transformam-se, portanto, em arma contra o heteroterrorismo<sup>3</sup>. Desse modo, as intersecções abordadas neste trabalho refletem um caminho a ser trilhado nos debates que envolvem as dimensões sensíveis dos corpos *queers* e suas vestimentas, entre as quais se aderem à temática o debate sobre violência, no intuito de apanhar as potencialidades que o sujeito *queer* possui a partir das armaduras (vestimentas) experimentadas sobre seu corpo no mundo e de demonstrar o modo como a violência enfrentada por este corpo reverte-se desigualmente.

É a partir dos *frames*, no documentário *Sem Títulos* (RIBEIRO; PORTELA, 2013), que abordaremos Pai Amor, negro, *queer*, morador da periferia da cidade de Cachoeira, interior baiano, e os modos que cerceiam as violências sobre sua pele, operacionalizados no discurso sobre o corpo biológico. Em uma abordagem que privilegia seu lugar no mundo, de maneira a tratar seu corpo não como objeto, mas abordá-lo pelos caminhos sensíveis que o seu adornar-se nos convoca. Nesse sentido, é do nosso interesse analisar as tecnologias que envolvem os seus modos de se dirigir às vestes, tornando-o potente, político e afetivamente, na comunicação do seu corpo adornado.

São, aqui, os corpos dissidentes adornados que desarmam as leis, disciplinas e toda essa nuvem de condutas normativas do vestuário que paira em nossas cabeças, e que, ao mesmo tempo,

---

<sup>3</sup> Termo utilizado para se referir as identidades fixadas, dominantes e compulsórias dentro de um sistema de reiterações sobre o sexo e o gênero, com base nas contribuições de Berenice Bento (2011).



sofrem pelo processo de, através dos olhares alheios, serem violentados por conta do uso de tais adornos. Por meio disso, podemos questionar se a proporção de desobediência que o dissidente engendra sobre o sujeito agressor é a mesma executada sobre ele por vestir-se de forma dita anormal? Pode a roupa matar? E o que ou quem ela mata? Nessa perspectiva, convidamos vocês para que juntos possamos refletir e aprofundar tais questionamentos.

## 2. Caminhos Metodológicos

O horizonte metodológico desta pesquisa se situa no encontro entre os estudos da Comunicação, da Sensibilidade, permitida a partir da análise fenomenológica, e dos Estudos Culturais, ou seja, na intersecção entre comunicação, sensibilidades, afetividades, corpo adornado, resistências, violências e estudos *queers*, tornando nossa análise interdisciplinar.

Abordaremos o documentário *Sem Títulos* (2013), dirigido por estudantes egressos do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Leticia Ribeiro e Ronne Portela, tomando Pai Amor como personagem central da argumentação fílmica. Aqui, tomaremos emprestado de Marie-José Mondzain (2009) o conceito de *pode a imagem matar?* Com intuito de dar o pontapé inicial para pensarmos o modo como o corpo adornado de Pai Amor não provoca as mesmas consequências daquelas provocadas sobre o seu eu.

Segundo Mondzain (2009, p. 20), as imagens encontram-se nessa realidade sensível oferecida ao olhar, o que por si só não as tornam intrinsecamente violentas, ou seja, elas necessitam de uma ação e que as tornem perceptivelmente violentas ao que ela “faz fazer”. Desse modo, utilizamos a analogia das imagens para mobilizar a ideia de vestuário e os adereços, acentuando que neste caso a coação que tais adereços provocam é desigual em comparação à violência experimentada pelo sujeito que compõe as indumentárias ditas inadequadas. Portanto, é o corpo dissidente que perde nessa história, pois, apesar de arrebear as regras, ele mesmo é violentado sob as condições de colocar-se em risco ao que ele “faz fazer” (MONDZAIN, 2009, p. 20).

Os embates que se agenciam por meio do corpo adornado de Pai Amor são estabelecidos em nossa análise a partir da matriz de composição de sua aparência, que são responsáveis, nessa intensa relação do corpo com a indumentária, por impetrar a violência indesejável sobre aqueles que não correspondem à lógica e não aos que mantêm essa dita coerência ao adornar-se. Estabelecemos contraposições ente o ideal de beleza e a roupa, para pensarmos as sensibilidades que cerceiam suas formas.



Assim, a análise das imagens de Pai Amor no documentário, ainda que definida pelo enquadramento da imagem, aponta-nos para uma realidade social em que os corpos negros, *queers* e suas vestes aparecem como uma verdadeira ofensa para o sujeito que acredita que o corpo deve adornar-se respeitando as concepções biológicas impostas sobre a atuação social construída para os gêneros binários, numa sentencição dos corpos à *docilização*, parafraseando Michel Foucault em *Vigiar e Punir* (1987). Os caminhos que a nossa perspectiva de análise visa abordar vão de encontro às fronteiras reiterativas que se estabelecem sobre a fixação dos corpos “seus contornos e seus movimentos nas relações produtivas de poder” (BUTLER, 2003, p. 152) e reacendem uma busca em transformar/transgredir o não-lugar ou a negação à sua existência para potencializá-lo no discurso de afirmação do sujeito.

As abordagens provocarão as rasuras existentes na concepção da vestimenta como uma marca biológica (e pré-configurada dos gêneros), além do rompimento ao ideal estético, possibilitados a partir dos aspectos que seus modos de sentir e perceber são apreendidos no documentário. Enquanto parte do trabalho, acionaremos os conceitos e noções de raça (MUNANGA, 1988; FANON, 2008), de imagens (MONDZAIN, 2009), de gênero e sexualidade (FOUCAULT, 1987; BUTLER, 2003; LOURO, 2008; MISKOLCI, 2009; MOMBAÇA, 2016), políticos e adornados (STALYBRASS, 2000; CIDREIRA, 2005) e fenomenológicos (MERLEAU-PONTY, 1994), para que, portanto, consigamos explicar as estruturas de operações violentas e seus efeitos nos corpos adornados *queers*, provocados pelas relações de poder.

### 3. Tá rindo de quê?

É notável que quando estamos falando de sujeitos abjetos, estamos concordando que não apenas as inscrições e gestos do seu corpo denunciam tal irregularidade, como também comunga nos imaginários os modos com quais se adornam. Segundo Jota Mombaça,

simplesmente andar pelas ruas pode ser um evento difícil quando suas roupas são consideradas ‘inapropriadas’ e sua presença mesma é lida como ofensiva apenas pelo modo como você age e aparenta (MOMBAÇA, 2016, p. 9).

Isto se confirma no fato de roupa e corpo estarem indissociáveis e de como essa subversão ao aparentar-se ocasiona os olhares indesejáveis a um corpo que nem mesmo é enxergado enquanto possível.





Fig. 1: Frame de Pai Amor carregando suas artes.

Fonte: Documentário *Sem Títulos* (Letícia Ribeiro e Ronne Portela, Bahia, 2013)

É numa das primeiras cenas de *Pai Amor* que observamos a mobilização que o corpo adornado provoca enquanto força intimidadora das relações de opressão, projetando sua potência política em tudo aquilo que encontra no ferro-velho para transformar em artes e adornos. A expressão “tá rindo de quê?” se mostra potente em seu modo de apreensão e uso do próprio corpo e suas indumentárias como modos de se posicionar no mundo, tanto no sentido afetivo quanto na atuação política. A esse respeito, podemos destacar que as chacotas dirigidas ao corpo negro e *queer* operam enquanto instrumentos que visam constranger e disciplinar o indivíduo, “ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos ‘suaves’ de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata” (FOUCAULT, 1987, p. 129).

Como derrubada de padrões e normativas, surge nosso interesse em apresentar não somente as relações que se estabelecem nas representações de um modelo correto de ser/existir, mas também se faz necessária a introdução desses corpos para compreendermos o porquê de negá-los o direito de se vestir e comportar como tal. As regras que se arquitetam num ideal de beleza e, portanto, enquadrado para os formatos estéticos em sua composição de aparência, se estagnam sobre um corpo que, aqui, é negro e lido socialmente como afeminado. Em suas palavras, *Pai Amor* declara no filme:

Sou vaidosa por demais, [...] eu não saio da frente do espelho [...] e outra é que [...] eu me acho ridícula, feia, mal feita de corpo. Eu tento levantar meu ego fazendo uma maquiagem, fazendo a barba, passando um lápis, botando um implante, mas eu sei que assim não tá aquilo que eu quero (PAI AMOR, 2013).

Desse modo, as linguagens e expressões que *Pai Amor* nos traz no documentário fazem surgir inquietudes sobre o modo de ser ou estar belo para si e para os outros. Será que o fato de não se sentir bela está intimamente ligado a si? Ou isso não perpassaria uma projeção imaginária sobre o que dizem a ela sobre o que é belo? A comunicação nesse caso se torna efetiva no julgamento sobre os nossos



corpos e a maneira sobre como devemos autoplasmá-los. Portanto, debater as imagens que se corporificam no documentário, como nas palavras de Mondzain (2009, p. 26), é trazê-las em sua “encarnação”, com isso, “a imagem dá carne, isto é, carnação e visibilidade, a uma ausência, mediante uma diferença intransponível relativamente àquilo que é designado”.

É nesse momento que o conceito fenomenológico sobre o corpo ganha força, pois é a partir de suas formas expressivas de comunicação que o constituem enquanto seres no mundo e enquanto indivíduos perceptíveis de si e do mundo que o envolve (MERLEAU-PONTY, 1994). Em seu livro *Fenomenologia da Percepção* (1994), Merleau-Ponty, no capítulo IV, *O corpo como expressão e a fala*, nos afirma que “a expressão estética confere a existência em si àquilo que exprime” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 248). A partir disso, observamos que as vestes que Pai Amor toma para si representam nas imagens e no olhar do outro as mesmas políticas de sempre, as das inevitáveis exclusões do ser.

O que defendemos neste trabalho é um corpo que distorce as composições essencialistas, na medida em que é lançado e sentido no mundo, sem que lhes sejam negados ou simplificados enquanto existência. Mas o que verificamos quase sempre é que a percepção desses corpos será apreendida a partir da ótica dos julgamentos que os constroem enquanto estranhos, excêntricos, etc., isto é, dos modos como são vigiados e julgados pelo olhar do outro, o olhar da normalização. Em Merleau-Ponty (1994), a partir da formulação do *corpo próprio*, compreendemos que o corpo é percebido em si, mas também a partir da relação com seu entorno e todas as modulações sociais. Pensamos, portanto, na relação do sujeito com aquilo que o cerceia, a partir de sua apreensão sensível, e que

a propósito do corpo próprio, aquilo que é verdadeiro de todas as coisas percebidas: que a percepção do espaço e a percepção da coisa, a espacialidade da coisa e seu ser de coisa não constituem dois problemas distintos (MERLEAU-PONT, 1994, p. 205).

O corpo, portanto, é movido por esses dois movimentos, o da percepção de si, enquanto próprio, e de sua relação com o social, ao qual apontamos os dispositivos de poder (FOUCAULT, 1987) lançados sobre suas sensibilidades adornadas.





Fig. 2: Frame em *plongé* (fechado) de Pai Amor.

Fonte: Documentário *Sem Títulos* (Letícia Ribeiro e Ronne Portela, Bahia, 2013)

Trata-se de afirmar que as imagens e os desejos do documentário *Sem Títulos* (2013) constituem uma vontade maior, que é a de apontar as intersecções, de raça, classe, gênero, sexualidade, da vivência de Pai Amor, na tela. E na mesma tensão envolvida é que as imagens captadas por Pai Amor demonstram esses processos de resistências que o seu lugar no mundo provoca e faz sentir, convocando, portanto, para uma reflexão que desloca o discurso da roupa enquanto algo miúdo ou potencialmente fraco na percepção dessas sensibilidades adornadas, para refletirmos sobre as violências que suas formas estranhadas podem despertar.

Aqui, acionamos as formas com as quais Pai Amor e tantos outros sujeitos *queers* autoplasmam seus corpos, na busca (e nessa intensa relação com o olhar do outro) por questionar os padrões, ao mesmo tempo em que se discutem seus lugares enquanto seres no mundo. Há uma produção de sentidos, ou melhor, de choques, que desvirtuam as idealizações esperadas sobre seus corpos. Há, portanto, a maquiagem, o vestido, os implantes e todos os adereços que compõem a sua apreensão sensível enquanto sujeito político no mundo e que, antes de tudo, resiste para poder existir.



Fig. 3: Frame de Pai Amor, em sua casa, se adornando.

Fonte: Documentário *Sem Títulos* (Letícia Ribeiro e Ronne Portela, Bahia, 2013)



## 4. Violência e Enfrentamento

Um dos primeiros questionamentos, na perspectiva *queer*, que surgem quando se pensa em desconstrução das identidades fixas, sejam elas sexuais, de gênero e etc., é de que modo romper com as barreiras, os determinismos, os binarismos se mesmo o sistema continua a reproduzi-lo? Ruminar esses sistemas e contrariar seu *modus operandi* já se torna uma primeira aproximação de encontrar as rachaduras que esses padrões continuam perpetuando. Em seu questionamento, Richard Miskolci indaga:

o papel do *queer* não é desqualificar os movimentos identitários, antes apontar as armadilhas do hegemônico em que se inserem e permitir alianças estratégicas entre os movimentos que apontem como objetivo comum a crítica e contestação dos regimes normalizadores que criam tanto as identidades quanto sua posição subordinada no social (MISKOLCI, 2009, p. 152).

Assim, as conceptualizações de Guacira Lopes Louro, tomando emprestada sua ideia de “viagem” enquanto abordagem, a partir do qual a autora vai pensar com base nos limítrofes que as identidades perduram, é que trabalharemos o modo de pensar e até onde vão os limites que indicam o lugar que é permitido, ao sujeito, ser atravessado ou não, que se tornam determinantes nos processos de rasura que constituem as homogeneizações (LOURO, 2008). Os atravessamentos de tais barreiras fazem surgir as nomenclaturas ‘punitivas’ das quais os Estudos *Queers* vão se apropriar, como forma de luta política do sujeito que, de algum modo, é “rotulado de diferente, de estrangeiro, de marginal” (CIDREIRA, 2005, p. 12).

Por conseguinte, e recordando ao nosso corpus teórico, Pai Amor e suas vestes denunciam a fixidez das fronteiras, elas “assumem a inconstância, a transição e a posição ‘entre’ identidades como intensificadoras do desejo” (LOURO, 2008, p. 22). Observamos, assim, que, ainda que involuntariamente, as roupas usadas pelos sujeitos dissidentes podem suscitar ações violentas sobre seus corpos justamente por se instituírem como marcadores da diferença, da luta, da resistência. E compreendemos também que essas eventuais formas de violências sofridas pelos corpos dissidentes fazem parte de um “design global” enraizado, como nos afirma Jota Mombaça:

Todas essas formas de violência e brutalização são de fato parte de um design global, que visa definir o que significa ser violento, quem tem o poder para sê-lo, e contra que tipos de corpos a violência pode ser exercida sem prejuízo à normalidade social. No marco desse design global, a violência é gerida para ser mortal para muitos e lucrativa e/ou prazerosa para uns poucos. No marco desse design global a violência cumpre um programa e opera em favor de um projeto de poder anexado a heteronormatividade, cissupremacia, neocolonialismo, racismo, sexismo e supremacia branca como



regimes de exceção (MOMBAÇA, 2016, p. 9).

Os efeitos que seus modos de vestir e transitar pelos espaços provocam, demonstram não somente um perfil dissidente sobre as imposições que fazem da sua sexualidade ou do seu gênero, mas também o modo como reivindicam esse lugar ‘do intransitável’, encarnado em suas vestes, nos alertando sobre as interseccionalidades que atravessam o seu ser: negro, *queer*, afeminado. Isso quer dizer que a negação às suas existências opera no sentido de silenciar o seu corpo com diversas ferramentas, impedindo-o de comunicar sua própria sensibilidade adornada.

Além de ser objeto de ódio alheio, o corpo adornado de Pai Amor não pode ser impulsionado na mesma proporção. Em um embate que gera ameaça, com suas formas de vestir-se apresentando o “excêntrico” e a orquestração de uma sociedade violenta, suas armaduras não escapam desse entorno odioso e que gera as marcas de desigualdade. Nas palavras de Jota Mombaça:

a violência é socialmente distribuída; que não há nada de anômalo no modo como ela intervém na sociedade. É tudo parte de um projeto de mundo, de uma política de extermínio e normalização (MOMBAÇA, 2016, p. 10).

Para Mombaça, a questão se debruça sobre um confronto, mas também sobre um “autocuidado” (MOMBAÇA, 2016), pois sabemos muito bem quais corpos sairão perdendo, quem de nós está sob ameaça, quem de nós corre o risco iminente de morrer por conta dos nossos trejeitos, nossos afetos, nossas maneiras de se adornar.

A partir dessas prerrogativas, podemos conceber os corpos *queers* e suas armaduras no discurso político de enfrentamento às normatividades no sentido em que estes potencializam e reivindicam seus próprios manifestos estéticos. E, conseqüentemente, essas correções aos quais os sujeitos *queers* têm enfrentado sobre seus modos de adornar-se, funcionam como crimes de ódio ao que esses corpos representam e ao que essas novas criações, em formato de roupa, comunicam enquanto força de sua existência. Aqui, o vestuário torna-se esse “manifesto não-verbal de subversão política” (MCLUHAN, 1964, p. 142).

## 5. Humanos? Pra quem?

A concepção de humano, a partir da perspectiva interseccional de Frantz Fanon (2008, p. 104) explicita que no “mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal”, o que subordina o indivíduo negro ao olhar do outro, o da branquitude. O que somado às



abjeções sexuais e/ou de gênero, o torna muito mais distante para pensar esse corpo na ótica de humanidade. Portanto, a heteronormatividade e o racismo são, de fato, formas para localizarmos os discursos operacionalizados nas lógicas do coerente e do estético do ponto de vista das relações de poder sobre o corpo dito ‘diferente’. Kabengele Munanga afirma que:

No século XVIII, era de se esperar que os grandes pensadores iluministas, criando uma ciência geral do homem, contribuíssem para corrigir a imagem negativa que se tinha do negro. Pelo contrário, eles apenas consolidaram a noção depreciativa herdada das épocas anteriores. Nesse mesmo século, elabora-se nitidamente o conceito da perfectibilidade humana, ou seja, do progresso. Mas o negro, o selvagem, continuava a viver, segundo esses filósofos, nos antípodas da humanidade, isto é, fora do circuito histórico e do caminho do desenvolvimento. Sexualidade, nudez, feiura, preguiça e indolência constituem temas-chave da descrição do negro na literatura científica da época (MUNANGA, 1998, p. 16).

Apesar do lugar que lhe foi coagido, para entendermos quem são os avaliados enquanto humanos, é a partir desse olhar sobre Pai Amor que o conservadorismo mais cruel fracassa, quando se defronta com um corpo que não acata as práticas socialmente designadas ao papel de gênero “masculino”. Judith Butler (2003) nos chama a atenção para a concepção daqueles que são resultados de uma conformidade sistêmica entre sexo-gênero-performance e que, portanto, são dignos de humanidade, onde “a construção do humano é uma operação diferencial que produz o mais e o menos ‘humano’, o inumano, o humanamente impensável” (BUTLER, 2003, p. 161) e sobre o qual concebemos o corpo negro no mundo enquanto sujeito, também, da categoria *queer*, a partir das rupturas que engendra sobre a estética ideal.

Por isso, questionamentos que envolvem a estética branca como ideal entrelaçada aos desejos que a sociedade (re)produz sobre os corpos e os seus adornos, aqui, são postos em xeque. Assim, podemos inferir que as camadas de violência lançadas sobre os modos de vestir-se do corpo negro e *queer* não correspondem à lógica desejada. Entretanto, esses corpos estranhos, com suas vestes “bizarras” se afirmam enquanto resistências e modos legítimos de ser no mundo.

A armadura revestida sobre tais corpos são marcas de uma moda que não é passageira, como nos diz Peter Stallybrass (2000), elas representam as memórias, as formas e até as dores que sustentam a afirmação desse corpo que, no nosso caso, é dissidente. O autor nos remete a uma situação ao qual um garoto ganha sapatos práticos de seus pais para ir à escola, “mas com os quais você tinha vergonha de ser visto [...] difícil avaliar seriamente, de forma suficiente, a agonia desses momentos, a raiva, o sofrimento, o desespero” (STALLYBRASS, 2000, p. 33) e que se pensarmos aqui, são aquelas roupas indesejáveis, pensadas sobre o prisma da ordem normativizada, e nas quais não nos sentimos



confortáveis, mas que o sistema insiste em nos impor violentamente. Paulo Freire alerta que:

o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos (FREIRE, 1987, p. 16).

Assim, o sujeito opressor, em sua humanidade inabalável e no modo de operar o regime da violência ao que o outro representa, faz o sujeito violentado lançar-se sobre ele, não com violência, mas através de dispositivos diversos, como o adornar-se, para recuperar as negações de sua existencialidade. Desse modo, pensar as suas possibilidades de adornar-se é perceber sua forma existencial de ser não somente como algo programado. As suas sensibilidades estão sendo sentidas a partir desse campo do que ela provoca e faz provocar.

## 6. Transgressões Finais

Procuramos, assim, responder a pergunta *pode a roupa matar?* de modo a contemplar os jogos de poder envolvidos na questão. O que podemos destacar é que o processo de existência para o corpo adornado do dissidente é atravessado, antes de tudo, pelo processo de resistência. O corpo, com suas vestimentas, contornos, gestos, sensibilidades, impõem-se no real para afirmar seu lugar no mundo. Uma visão que nos leva a corroborar as palavras de Freire (1987, p. 23) quando questiona: “como poderiam os oprimidos dar início à violência, se eles são o resultado de uma violência?”. É, portanto, o corpo do dissidente que é violentado, assassinado, esse mesmo corpo que sofre na pele e que perde nessa balança social.

Ainda que esse corpo estranho provoque uma espécie de revide, na medida em que suas vestes e as sensibilidades por elas suscitadas auxiliam no rompimento com a estética ideal e normalizadora, provocando o choque, o choque de monstro, a violência não pode ser conferida a esse corpo dissidente, pois este só reclama um lugar no mundo. Estamos tratando de explanar os processos violentos e desiguais sobre nossos corpos a partir do entendimento desumanizado sobre determinados sujeitos, em detrimento da humanização de outros.

O próprio documentário apresenta-se enquanto possibilidade de resistência e por dar a ver às experiências invisibilizadas um papel político, que o coloca numa dimensão sensível ao tratar a forma com que Pai Amor desfruta das combinatórias indumentárias. O corpo adornado *queer* se potencializa enquanto resistência às violências investidas sobre ele.



Assim, concluímos que a política provocada pelas vestes estranhadas não é passiva, sobre elas existe uma ação e sabemos que a mesma provoca uma reação. No entanto, não podemos aceitar que as marcas da reação se configurem em traços de violência sobre esse corpo. O intuito é de não negar a roupa seu aspecto político de enfrentamento às normas na constituição de existência do corpo considerado não-humano. Faz-se necessário potencializá-las enquanto linguagens de suas dissidências e apontar que a violência executada sobre seus corpos se dá de forma desigual.

---

## Referências

- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*, mai./ago. vol. 19, n.2, p. 549-559, 2011.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. *Os Sentidos da Moda*. São Paulo: Annablume, 2005.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MCLUHAN, Herbert Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MISKOLCI, Richard. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.
- MOMBAÇA, Jota. *Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência*. Publicação comissionada pela Fundação Bienal de São Paulo em ocasião da 32ª Bienal de São Paulo – Incerteza Viva, 2016.
- MOMBAÇA, Jota. O mundo é meu trauma. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 11, página 20 - 25, 2017.
- MONDZAIN, Marie-José. *A imagem pode matar?* Trad. Susana Mouzinho. Lisboa: Nova Vega, 2009.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988.
- SEM Títulos. Direção de Letícia Ribeiro e Ronne Portela. Produção de Letícia Ribeiro e Ronne Portela. Cachoeira: 2013. (3 min.). Color. Som. Disponível em: <<https://bit.ly/2DBFSAF>>. Acesso em 12 set 2018.
- STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

